

# O sabão

---

As culturas do trabalho *no Barroso*



## FICHA TÉCNICA

Projeto de investigação para intervenção museológica *As culturas do trabalho no Barroso*

### ENTIDADE RESPONSÁVEL PELO ESTUDO

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro



Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento



Coordenação geral e científica de **Xerardo Pereira**

Textos e fotografias de **Daniela Araújo**

Design de **Dina Fernandes** e **Paulo Reis Santos**

### PARCEIROS DO PROJETO – CÂMARA MUNICIPAL DE MONTALEGRE E ECOMUSEU DE BARROSO



### FINANCIAMENTO – ON2, CCDR-N E CÂMARA MUNICIPAL DE MONTALEGRE



Montalegre 2012



## **O Ecomuseu de Barroso**

A faculdade da memória é a mais valiosa herança com que Deus dotou o ser humano. Será possível imaginarmos a viver sem ela? Como seria viver sem lembranças?

O que aconteceria?

Toda a nossa força intrínseca, toda a nossa vida consciente deixaria de existir; perdíamos parte da dimensão humana, ou seja, milhões de anos de experiência feita. Aqui se alicerça o conceito de património, na sua dimensão agregadora e de responsabilidade de preservação e valorização. Como se diz em Barroso: “O que recebemos, temos obrigação de deixar igual ou melhor...” Neste sentido, foi criado o Ecomuseu de Barroso que se caracteriza como um espaço aberto, um espaço da povoação, do ordenamento do território, da identidade da população, tendo em atenção os valores do presente, do passado e do futuro. Neste espaço, o visitante converte-se em ator-participante.

O Ecomuseu situa objetos no seu contexto, preserva conhecimentos técnicos e saberes locais, consciencializa e educa acerca dos valores do património cultural. Implica interpretar os diferentes espaços que compõem uma paisagem; permite desenvolver programas de participação popular e contribui para o desenvolvimento da comunidade.

Este projeto de desenvolvimento sustentável tem dado continuidade ao trabalho de pesquisa sistemática, tarefa que permite inventariar a globalidade de património construído do território de Montalegre e Boticas, tendo em

vista a posterior salvaguarda e valorização dos espécimes selecionados pelo seu particular interesse patrimonial e divulgados nos pólos de Salto, Pitões, Tourém, Paredes do Rio e Vilar de Perdizes.

A análise das construções associadas à conservação e à transformação dos produtos tem permitido um melhor conhecimento da arquitetura popular da região, nomeadamente dos canastros, dos moinhos, dos fornos, das fontes, dos pisões e dos lagares, entre outros edifícios de produção agrícola que contribuirão para o reencontro com a identidade cultural local. O Ecomuseu de Barroso é um espaço de memória vocacionado para o desenvolvimento, dando particular destaque ao Património Imaterial de que é prova este trabalho.

Nenhum desenvolvimento poderá ser sustentável, num concelho com mais de oitocentos quilómetros quadrados, se a população local não reconhecer as riquezas do local onde vive, e se não começar a ter dividendos da valorização desses sítios a que alguns chamam património, enquanto outros apenas aí vêem “patrimonos”. Esta nova visão terá implicação no modo de vida da população e na sua forma de encarar o futuro.

**David Teixeira**, Director do Ecomuseu de Barroso.

O projeto de investigação para intervenção museológica As culturas do trabalho no Barroso, foi desenvolvido pelo Ecomuseu de Barroso em colaboração com a UTAD, através do CETRAD ([www.cetrad.info](http://www.cetrad.info)), o Pólo da UTAD em Chaves e a antropóloga Daniela Araújo. A investigação, que se iniciou no mês de junho de 2011 e se prolongou até ao final do mês de março de 2012, teve a orientação científica do antropólogo Xerardo Pereiro – investigador efetivo do CETRAD e docente da UTAD em Chaves.

Os objetivos da investigação centraram-se na análise das culturas do trabalho sobre o Barroso, articulando-se com as linhas de actuação do Ecomuseu de Barroso, uma instituição que tem contribuído, decisivamente, não apenas para “colocar o Barroso no mapa”, mas também para reverter, simbolicamente, a imagem e a realidade desta região “raiana” do Norte de Portugal. Mais importante, ainda, tem sido o papel do Ecomuseu de Barroso na reorganização e articulação das comunidades afirmando a sua cultura como um capital sociocultural importante e útil para viver e criar planos de vida nestas terras do interior.

Entendemos por culturas de trabalho as que se geram nos diferentes processos de trabalho, nomeadamente aquelas que resultam da ocupação de diferentes posições nas relações sociais de produção. E o trabalho de Daniela Araújo tem sido minucioso, rigoroso e extremamente reflexivo e cuidado, fruto não de recolhas, mas de uma etnografia reflexiva de um intenso conviver humano com os seus protagonistas, nos seus quotidianos vivenciais mais familiares. É na observação dos e com os outros

que Daniela Araújo tem construído teorias antropológicas vividas pelos agentes sociais do Barroso. Desta forma, a investigação e os seus resultados ajudam-nos a a construir novos olhares sobre as novas ruralidades .

Longe de ser um exercício de exotização ou primitivização, o trabalho de Daniela Araújo mostra o velho e o novo, as permanências e as transformações, as tradições e as inovações, as localidades e as globalidades, as pluriatividades e as especializações nas formas de trabalhar e produzir no Barroso. Aí reside a sua mais-valia, isto é, a rejeição de um ruralismo exotocista para posicionar-se na compreensão das lógicas, conhecimentos e saberes nativos, e o seu valor universalista e global. Pensamos que, com esta investigação e as suas aplicações, o visitante e o residente poderão criar mais facilmente quadros de referência interpretativos e de tradução intercultural que nos ajudem a compreender melhor os sentidos do viver humano.

***Xerardo Pereiro***, Coordenação geral e científica.



## O sabão

---

Maria das Dores, de Vilar de Perdizes, começou a fazer sabão há muitos anos. Talvez mais de quarenta. Na altura, com pouco mais de vinte, das Dores aprendeu com as mulheres mais velhas da sua aldeia a fazer sabão para lavar a roupa. Juntavam-se as gorduras que sobravam da cozinha, como o azeite queimado ou a gordura das chouriças fritas e, quando se tinha a quantidade necessária, adicionava-se água, soda cáustica e detergentes ou champôs. Se se pretendia que o sabão tivesse cor, ia-se a Espanha comprar corantes porque, em Montalegre, não se arranjava.

O tempo passou e, este saber, parecia ter ficado esquecido. Contudo, há cerca de quinze anos, com a participação num curso de formação profissional promovido pelo Centro de Emprego, organizado pelo Padre Fontes e direcionado para chás medicinais, das Dores resgatou a memória longínqua do sabão caseiro:

Eu não tinha noção das quantidades. Nós fizemos o sabão porque uma das formandas sabia fazer sabão para lavar a roupa. Mas não aproveitávamos nada de gorduras dióto, daquilo. Nós fizemos só com banha de porco natural. Depois pusemos champô, aqueles detergentes mais cheirosos e a gente lavava e aquilo lavava mesmo bem. (das Dores, 10-6-2011)

Mas, à medida que a formação decorria, foi deixando de fazer sentido utilizar detergentes e champôs na preparação do sabão. As ervas medicinais viriam a substituí-los. Estava encontrado o princípio do sabão medicinal que das Dores começaria a produzir anos mais tarde: soda cáustica, água, banha de porco e uma combinação de quatro ervas medicinais (figuras 1 e 2):

Foi um curso de um ano. Primeiro, identificá-las, semear, crescer, apanhar, transplantar, regar. Fizemos a experiência e pensámos: e se nós, nesse sabão, em vez de pormos o champô ou o detergente, pusermos as ervas? Então fizemos ali uma mistura de ervas. (das Dores, 10-6-2011)



*figura 1*



*figura 2*



A banha de porco que utiliza é obtida na altura das matanças. Dos seus porcos, consegue parte da quantidade necessária. A outra é-lhe dada pelas pessoas amigas. Não usa outra gordura animal, pois crê que é a banha de porco que dá ao sabão uma textura característica:

Não pode ser de borrego nem de vîtela, a gordura tem de ser banha de porco porque se é outra gordura, já não fica bom. A de porco é muito mais macia, foi o que fizemos lá nos estudos quando andámos a fazer a formação. Fica tipo cremoso, é mais macio, mas faz pouca espuma. (das Dores, 10-6-2011 e 17-11-2011)

Até ter feito a formação em chás medicinais, Maria das Dores não conhecia as propriedades das ervas que colhia no campo para alimentar a fazenda:

Depois quando fui fazer a formação dos chás, nem imaginava que estas ervas que eu botava às vacas eram dos chás. O mais importante é diferenciar o verdadeiro do falso. Com a formação que tivemos, sabemos identificar a altura de se apanhar e a verdadeira da falsa. O mais importante é saber identificar a verdadeira e saber aproveitar na altura certa e saber secar na altura certa. Temos que ter certezas do que estamos a fazer. Ir ao monte apanhar um braçado não custa muito. O pior é chegar a casa e saber seleccionar. Tirar o que não presta, saber pôr no lugar certo para não se estragar. Secar. Se faz um molhe, ficam muitas por fora, mas ficam estragadas por dentro. Algumas ervas tem que se ir ao monte. Na aldeia, poucas há. Há algumas nos quintais. Eu antigamente tinha e agora dão-me. Não gastam e depois dão-me a mim. Não tenho quintal. Às vezes vou ao Larouco. A gente de uns anos para os outros já sabe onde estão e vamos lá. Não há grande dificuldade em se ir procurar. (das Dores, 10-6-2011)

Foi também essa formação que lhe permitiu travar conhecimento com aquela que é localmente considerada a fundadora da genealogia das mulheres da aldeia que atualmente fazem chás, licores e sabonetes com as ervas medicinais:

A tia Aninha Pítnha era uma velhota que tinha saberes populares dela, dos chás. Antigamente ela já apanhava e vendia aos molhinhos, mas não empacotava. Naquela altura da formação ela já tinha 70 e tal anos. Ela nem sabia ler. Ela também nos foi dar formação, dizer o que sabia de boca e nós escrevíamos. Depois ficou tudo escrito num livro. (das Dores, 10-6-2011)

Das ervas disponíveis no território, das Dores utiliza aquelas que a experiência e a formação realizada lhe relevaram serem as mais adequadas para o tratamento de problemas dermatológicos:

Para fazer o sabão uso quatro ervas: malvas, folha da noqueira, os milfolhos e as maravilhas. Experimentámos: se as folhas da noqueira são boas para as infeções, as malvas são boas para fazer lavagens, os de milfolho para as varizes...fizemos ali uma seleção. Aproveitámos as ervas que são contra alergias, feridas, borbulhas. A folha de noqueira apanhamos já ali. As malvas vamos a uma horta qualquer. No monte só os milfolhos. Mas às vezes até há nesses lumedeiros, cantinhos. (das Dores, 10-6-2011)

É no tempo quente que das Dores colhe as ervas; de maio a agosto apanham-se e secam-se:

Se agora fossemos apanhar ficava tudo estragado e apodrece tudo, não há nada a fazer. Nessa altura estão bonitas, estão boas e têm todas as propriedades que lhes pertencem. Porque agora estão estragadas, quando são pequeninas, são tenrinhas, não tem aquelas características das funções que lhes fazem falta e agora no outono estão estragadas porque já passaram de época e já não dão. A folha da noqueira também. Quando a noz está pequenina, pequenina é quando está, já está rija, já não está tenrinha. (das Dores, 17-11-2011)

Maria das Dores produz apenas um tipo de sabão. Uma vez fica mais escuro; outras, mais claro. Essa diferença resulta do grau de amadurecimento de uma das plantas usadas (figura 3):

Tem duas cores. Tenho de explicar. A planta que mais escuro faz o sabão é a folha da noqueira e basta estar mais atempada a folha, nem que seja a mesma quantidade. Se for a folha da noqueira mais atempada, mais dura, mais rija, fica mais escura. É só essa a diferença, mais nada. (das Dores, 10-6-2011)





*figura 3*

Para fazer uma barrela de sabão, das Dores utiliza seis litros de água, seis quilos de banha de porco, um quilo de soda cáustica e as quatro ervas. Só aproveita as folhas das plantas e nunca os caules. A água é colocada ao lume até ferver. Num balde, deita a banha, as ervas, a soda cáustica e, finalmente, a água a ferver (figuras 4 e 5). Depois, há que mexer até as ervas se dissolverem completamente e a mistura começar a engrossar:

*Temos um pau próprio para não nos queimarmos e mexermos. Agora tem que se mexer, mexer, mexer e convém sempre para o mesmo lado. Como dizem dos bolos...se for para o outro lado, saem malucos. E nós fizemos um dia uma experiência e também ficou cortado, mexemos para os dois lados. Mexe, mexe, mexe, mais ou menos até ficar isto numa composição de um creme grosso, esta gordura vai tornar a arrefecer, depois fica assim. Mexo para aí seguramente uma hora, uma hora e tal. De verão demora-se mais. Às vezes quando tenho muita pressa e quero ir fazer outra coisa qualquer, porque tenho a minha vida, pego numa bacia de água e ponho a bacia de água no chão e ponho o balde dentro da bacia da água fria e isto arrefece mais. (das Dores, 17-II-2011)*









A etapa seguinte consiste em enformar o sabão. Quando das Dores fazia sabão para lavar roupa usava uma caixa grande de madeira. Agora, recorre a assadeiras de barro que forra com plástico (figuras 6 e 7). Para uma barrela, são necessárias três assadeiras. Depois, há que esperar que o sabão coalhe para, mais tarde, ser cortado e embalado:

Fica assim a coalhar 24 horas e nem é preciso. Como é inverno se fizer de manhã, posso descolar à noite. Depois, levanto o plástico e tiro e ele sai porque sai assim tal e qual, pego numa faca e corto à barra. Mas é tudo à mão, por isso ficam uns grandes e outros pequenos. Depois embalo num plástico porque tenho uma máquina de embalar. (das Dores, 17-II-2011)





figura 6



figura 7

Embora seja inequívoca nas qualidades medicinais que atribui aos seus sabonetes, das Dores reconhece que o aspecto rudimentar do produto torna-o pouco sedutor aos olhos de potenciais consumidores (figura 8):

Se eu lhe mostrar um sabão... não é cheiroso. Não cheira a nada, vá. Depois parto tudo com a faca. Uns ficam-me assim, outros assim. Um mais alto e outro mais baixo. Já medi com a fita, não consigo. Até podia pôr numa gaveta de madeira. Olhe...fica como fica, é feio. Mas é muito bom, muito bom. Há pessoas que têm muitas alergias e é muito bom, já tiveram sucesso. Caí, esfolei a mão, se usar o sabão aqui é muito mais rápida a cura do que outro sabão qualquer. É quase um desinfetante. Para lavar as mãos, para lavar o rabinho, há muita gente que usa isso, é um espetáculo. (das Dores, 10-6-2011 e 17-11-2011)



figura 8



Das Dores é, juntamente com outra colega da formação, a única a comercializar sabão medicinal em Vilar de Perdizes. Aos amigos e vizinhos oferece o sabão. Não há compradores na aldeia. A participação no Congresso de Vilar de Perdizes e na Feira do Fumeiro de Montalegre têm-lhe permitido ir construindo uma rede de clientes nacionais. Mas não existem planos para participar em eventos fora do concelho:

Vendo no Congresso. Chegam lá, compram, gostam e depois pedem-me para eu enviar à cobrança. Mando para todo o lado, para Lisboa, para o Algarve. No Congresso passa muita gente...agora já nem tanto. Tenho clientes fiéis de há anos. Na Feira do Fumeiro já vendo há dois anos. (das Dores, 10-6-2011)

Maria das Dores não pretende obter grandes mais valias com a produção do sabão medicinal. Continua a fazer este sabão porque lhe dá prazer e porque não quer que este saber se perca:

*Adoro, nem é pelo dinheiro. E também não é assim uma despesa tão grande. As ervas há-as no monte, a banha dão-me, vou acumulando, guardando, depois só tenho de comprar a soda. (das Dores, 10-6-2011).*

Mas preocupa-a os incêndios que têm feito desaparecer muitas das ervas que ficou a conhecer há 15 anos quando frequentou o curso sobre plantas medicinais:

*Íamos ao monte, era um monte cheio daquilo e agora não há nada... A gente chega lá não encontra, corre, corre, olhe, os montes arderam, desapareceu tudo! (das Dores, 10-6-2011)*



A poucos quilômetros de Vilar de Perdizes, em Santo André, nasceu Alexandre, neto de agricultores, que também faz sabonetes. Mas com leite de cabra, azeite e alfazema.

Licenciado em engenharia agrícola, com 34 anos, Alexandre, que hoje vive na vila de Montalegre, apostou inicialmente em fazer queijo de cabra em modo de produção biológico. O interesse pela produção biológica surgiu pouco depois de concluir a licenciatura e após a frequência de um curso dado pelo IDRHA.

A ideia de produzir sabonetes resultou da pesquisa sobre a produção de leite e queijo de cabra:

O projeto era de queijos e, entretanto, comecei a pesquisar sobre queijos e surgia sempre na pesquisa sabonetes de leite, sabonetes de leite. (Alexandre, 13-7-2011)

A produção de sabonetes foi, durante o tempo em que teve o rebanho, uma atividade residual. Contudo, as primeiras experiências que realizou não o satisfizeram. Até porque não se enquadravam na matriz biológica:

O objetivo não eram os sabonetes. Os sabonetes são uma brincadeira para mim. Era secundário. Eu já tinha feito quando tinha as cabras, comecei por fazer com a glicerina vegetal, mas é muito cara, e a glicerina é um resíduo dos sabonetes. (Alexandre, 13-7-2011)

Depois, em meados de 2010, aprofundou a sua pesquisa na internet e intensificou as experiências com os ingredientes base na produção de sabonetes para achar a fórmula correta: a soda cáustica e a gordura, no caso específico, o azeite.

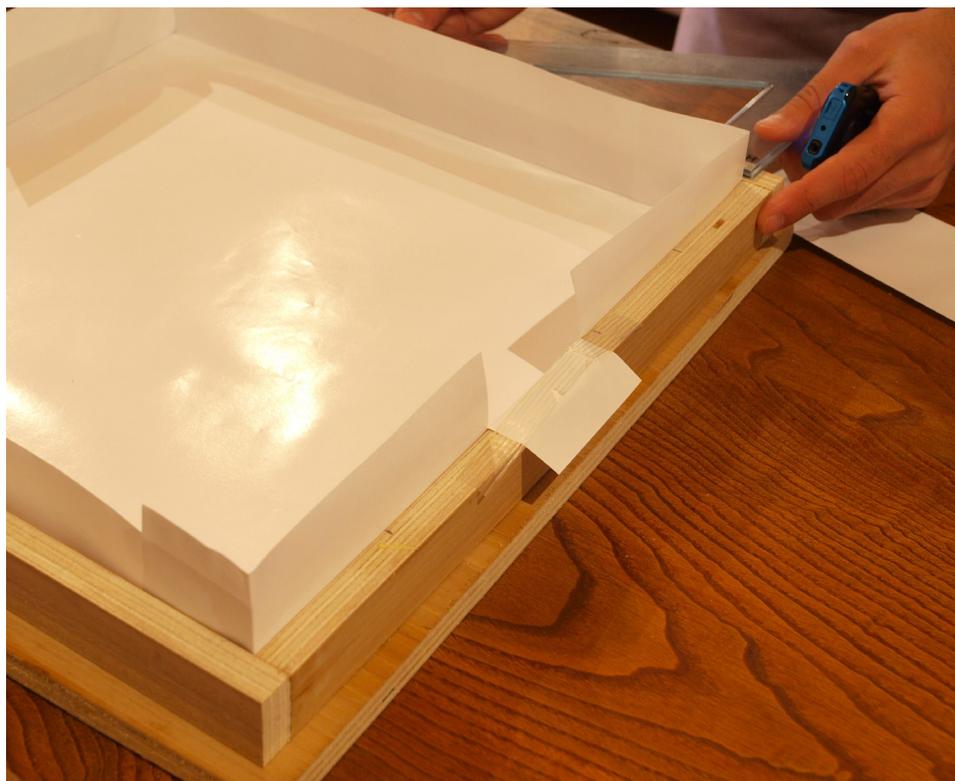
Entretanto, o projeto da queijaria acabaria por não ter continuidade, mas o interesse pelos sabonetes já estava consolidado. Alexandre aproveitou o leite que restou do rebanho, congelou-o e começou a usá-lo na produção dos sabonetes:

*Ainda ficámos com sete cabras e uma delas estava a dar leite diariamente. Entretanto, como não faço sabonetes todos os dias, congelámos o leite” (Alexandre, 13-7-2011)*

Para juntar ao leite biológico, Alexandre deu preferência a outros ingredientes de origem igualmente biológica. O azeite, virgem, começou por ser adquirido em Foz Côa e Mirandela e, mais recentemente, a um produtor espanhol. O óleo essencial de alfazema é comprado pela internet a uma empresa estabelecida em Guimarães.

Para fazer a barrela começa por forrar com papel de lustro o molde quadrado que construiu (figura 9). Depois, faz os cálculos para determinar as quantidades necessárias para encher o molde e não haver desperdício de material (figuras 10, 11, 12 e 13):

Depois começo aqui com os meus cálculos. É só contas. Gošto mais de fazer poucas quantidades. Agora posso calcular as quantidades, às vezes faço-os mais grossos, mais finos. Isto da soda é assim: por cada grama de azeite é 0,134 gramas de soda. Uso a balança eletrónica. Convém 5% a menos de soda para nos certificarmos que é toda consumida. É preferível que fique mais gorduroso um bocadinho do que ter excesso de soda. Mas como o leite também tem gorduras costumo meter a quantidade exata. (Alexandre, 14-12-2011)







*figuras 10, 11 e 12*



figura 13



Começa por deitar a soda cáustica na água mexendo para a dissolver por completo (figura 14). Depois da soda arrefecer, junta o azeite utilizando a varinha mágica (figuras 15 e 16). De seguida, adiciona o leite de cabra (figura 17). Por fim, junta o óleo essencial de alfazema (figura 18), continuando a bater com a varinha mágica. É a parte de fazer sabonetes que mais prazer lhe dá:



figura 14

É como fazer um bolo. Esta é a parte que me dá mais prazer, eu devia ter sido cozinheiro. A água aquece quando misturo o hidróxido, tenho de deixar arrefecer. A temperatura dos ingredientes deve ser a mesma quando se misturam: a água, o azeite e o leite. Junto a soda à água. Compro a água destilada na farmácia. Mas é cara, caríssima, vou ter de começar a apanhar a água da chuva. Também compro a soda na farmácia. Vou pondo a soda devagarinho que é para não aquecer muito. Uso sempre a máscara. Isto liberta vapores um bocado corrosivos. Está feito, agora é só juntar o azeite e o leite. Poucas vezes fiz à mão, uso a varinha mágica para misturar o azeite e depois o leite. O leite descongelei-o ontem à noite. Convém que esteja mais ou menos próximo do azeite e do leite. Utilizo sempre 22° a 23°. Agora tenho aqui o termómetro, já o tenho de quando fazia queijo. Comprei-o na queijaria onde eu levava o leite. Era na Régua. Está quase, agora é só bater. Já usei vários óleos, já usei misturas de óleos. Uso a seringa para medir a quantidade. Costumo meter 20ml por cada quilo de gordura. Essa é a parte mais cara do sabonete, os óleos essenciais, mas é muito melhor e quando são biológicos nota-se mais a essência. (Alexandre, I4-I2-2011)



figuras 15 e 16



figura 17





*figura 18*



Depois da mistura ser deitada nos moldes, há que esperar que seque. No dia seguinte, já é possível cortar e marcar os sabonetes. Alexandre usa um marcador com as iniciais da mãe (figuras 19 e 20):



*figura 19*

Fiz este marcador. Maria Lucas é o nome dos sabonetes. É a minha mãe, é uma homenagem por me apoiar. (Alexandre, 14-12-2011).





*figura 20*



A cura dos sabonetes demorará cerca de um mês.

Outra das apostas de Alexandre tem sido na imagem do produto, nomeadamente nas embalagens:

*Os sabonetes têm uma ótima imagem, a caixinha está muito bonita. (Alexandre, 13-7-2011)*

Atualmente, tem diversas embalagens para sabonetes de diversos tamanhos (figuras 21, 22, 23 e 24). O site foi a outra aposta para comercializar o produto (sabonetedeleite.com).

O primeiro local onde começou a vender os seus sabonetes, em abril de 2011, foi na loja da sede do Ecomuseu de Barroso. Depois, apostou em lojas de produtos biológicos, nos museus do IMC e em lojas que vendem produtos artesanais. A participação na Feira do Fumeiro de Montalegre também lhe tem permitido alargar a sua rede de clientes.

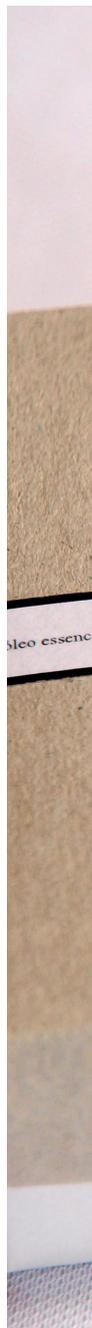






figura22





figura23





figura24



Das Dores e Alexandre socorrem-se de saberes mais ou menos globais na oferta de um produto, também ele, marcado por escalas diferenciadas. Das Dores orienta-se para as propriedades medicinais do produto; Alexandre prefere investir na imagem do mesmo.



